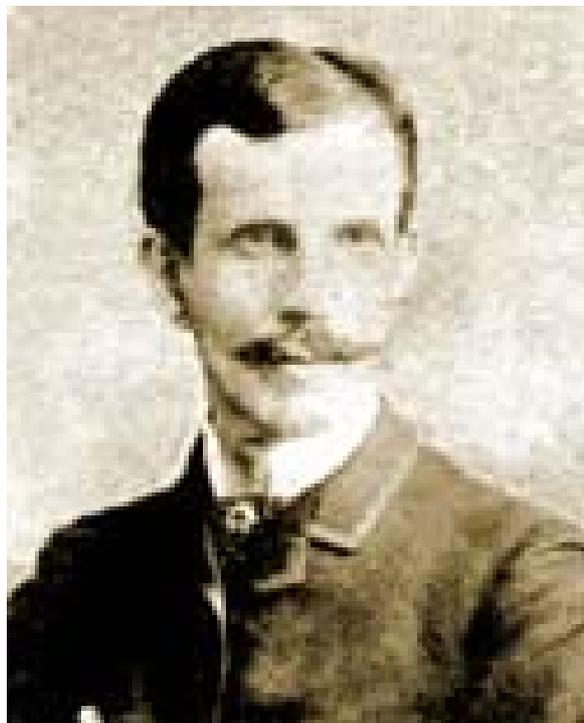


**Biblioteca  
Virtualbooks**



**AMOR COM  
AMOR SE PAGA**

**FRANÇA  
JÚNIOR**

**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,  
através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br**  
Estamos à espera do seu e-mail.

**Sobre os Direitos Autorais:**

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: **vbooks03@terra.com.br** para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



**[www.virtualbooks.com.br/](http://www.virtualbooks.com.br/)**

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks

**Virtual Books Online M&M Editores Ltda.**

**Rua Benedito Valadares, 429 – centro**

**35660-000 Pará de Minas - MG**

Todos os direitos reservados. All rights reserved.

# AMOR COM AMOR SE PAGA

*Comédia em um ato*

PERSONAGENS / ATORES

MIGUEL CARNEIRO 25 anos / Senhor Ferreira  
ADELAIDE CARNEIRO, *sua mulher* 22 anos / Dona Júlia  
EDUARDO COUTINHO 30 anos / Senhor Galvão  
EMÍLIA COUTINHO, *sua mulher* / 20 anos / Dona Ana  
Costa  
VICENTE 24 anos / Senhor Vasques

*A ação passa-se na cidade do Rio de Janeiro.*

*Época - Atualidade*

ATO ÚNICO

*O teatro representa uma sala elegantemente mobiliada. Portas ao fundo, à direita e à esquerda. No centro uma mesa coberta por um pano em cima da qual há um violão.*

CENA I

VICENTE e EDUARDO COUTINHO

EDUARDO - Arranjaste tudo quanto te encomendei?

VICENTE (*Limpendo os trastes.*) - Tudo, Nhonhô. Vosmecê já sabe para quanto presta este mulatinho. Cá ao degas não é preciso repetir as coisas. Se vosmecê bem o disse, melhor o fiz. Olhe:

uma empada, dois pratos de croquetes, uma galinha de molho

*pardo...*

EDUARDO - Podes limpar a mão à parede com o tal molho pardo Alugo este aposento para receber uma mulher que é a encarnação da elegância e do chique. Encomendo-te uma ceia esquisita e procuras matar a poesia de uma segunda entrevista amorosa, apresentado-nos à mesa um prato, que traz em seu seio os gérmens de uma indigestão. Tens às vezes certas lembranças... Decididamente acabo por te dar baixa deste serviço. Aposto que esqueceste o vaso de flores.

VICENTE - O vaso de flores?

EDUARDO - Está visto, és um estonteado.

VICENTE - Dou as mãos à palmatória, Nhonhô; mas em compensação preparei uma surpresa, que há de pôr a mocinha

*(Imitando.)* assim... de beijo caído.

EDUARDO - Faço idéia.

VICENTE - Nhonhô não sabe o que é. São dois guardanapos, dobrados em forma de coração: num enterrei uma faca, no outro espetei um garfo, e arranjei uns floreados da silva... está mesmo coisa papafina.

São dois lindos corações,  
Que à mocinha hão de encantar.  
Cá o degas, meu Nhonhô,  
Sabe as coisas preparar.

Quando a moça vir aquilo  
Sentirá tal emoção,  
Que, ao pegar no guardanapo,  
Dar-lhe-á o coração.

EDUARDO - Capadócio!

VICENTE - Aquilo dispensa uma declaração; poupa palavras e vale por trinta vasos de flores.

EDUARDO - Está bom; não há tempo a perder. (*Vendo as horas.*) É quase meia-noite e ela está à minha espera. O segredo é a alma do negócio: se deres com a língua nos dentes... Até já. (*Sai.*)

## CENA II

VICENTE, só.

VICENTE - Pois não! Era preciso que eu fosse um pedaço de asno para andar por aí contando o que ouço e o que vejo. Cá o degas não mete mão em cumbuca ~. Tenho casa e comida *gratis pro Deo*, passo aqui os dias em santo ócio a cantar modinhas, com as algibeiras sempre recheadas, e pouco se me dá de saber que interesse tem este sujeito em ocultar-me a sua morada e muito menos de indagar o nome da tal sirigaita, que entra por aqui, toda embuçada e estremecendo ao mais pequeno ruído. O que lucraria eu, se começasse a papaguear? Era posto no olho da rua, perdia a *manjuba* e recrutamento *me fecit*. O filho de Inocência Floresbela do Amparo não vai para o Paraguai não, mas é o mesmo. Tenho muito amor a este pêlo e não caio de cavalo magro.

Por amor de contar novidades  
Não arrisco este pêlo tão caro,  
Em cumbuca não mete os gadanhos  
O finório Vicente do Amparo.

(*Ouve-se fora grande algazarra e gritos de pega ladrão!*)

O que é isto?

## CENA III

O MESMO e MIGUEL CARNEIRO (*Que entra correndo, em mangas de camisa, muito cansado; atira Vicente ao chão.*)

VICENTE - Ó senhor!

MIGUEL - Cala-te, pelo amor de Deus.

VICENTE - Quem é o senhor?

MIGUEL - Ponho às tuas ordens a minha bolsa, dou-te tudo o que me pedires sob condição de me esconderes aqui até amanhã. Eu ficarei em qualquer parte; na cozinha, dentro de um armário, na clarabóia, debaixo de um cesto; mas salva-me por tudo quanto tens de mais caro nesta vida.

VICENTE - Mas como é que o senhor entra, sem mais nem menos, a esta hora, pelo asilo do cidadão, e nestes trajés?!

MIGUEL - Se tu soubesses o que me aconteceu, desgraçado, terias dó de mim.

VICENTE - Percebo. *(Gira com os dedos da mão direita ao redor do dedo grande.)*

MIGUEL - Não me julgues pelo que acabas de ouvir. "Pega ladrão" é uma fórmula de que o povo se serve para alcançar o infeliz que a polícia persegue. Eu sou uma vítima do amor. Imagina uma cena de Julieta e Romeu, sem balcão nem escada de corda. Eu e ela! Por cima de nossas cabeças o céu crivado de estrelas e por teatro da nossa felicidade um modesto quintal. À hora indicada abro a porta com esta chave *(Mostrando-a.)*, coso-me ao muro como uma lagartixa e espero, mal podendo conter a respiração, que aparecesse o anjo dos meus sonhos. Um cachorrinho felpudo, ou antes a imagem do diabo, aparece na porta da cozinha, e seus latidos foram bastantes para acordar um galo e com ele toda a pacífica população, que dormia empoleirada no galinheiro. O ruído que fizeram os gansos do Capitólio na cidadela de Roma, pondo em alarma as forças de Manlio, não pode ser equiparado à algazarra infernal que houve naquela casa. O grito de "pega ladrão" veio coroar a obra. Esgueiro-me pela rua, e começo a correr como um veado, perseguido por dois urbanos, em cujas mãos deixei o paletó e por uma súcia de vagabundos, que afinavam o maldito "pega" em todos os tons. Foi esta a única porta aberta que encontrei. Salva-me, salva-me por tudo quanto tens de mais caro sobre a terra.

VICENTE - Mas o senhor não pode ficar aqui: meu amo não tarda, e ele recomendou-me... Oh diabo, lá ia dando com a língua nos dentes.

MIGUEL - Desalmado, queres me expor ao ridículo da sociedade? Não sabes que tenho um emprego público, que sou o juiz de paz mais votado da freguesia, que tenho mulher e filhos e que, se caio nas garras da polícia, depois de amanhã aparecerá o meu nome nos jornais como o de um larápio?

VICENTE - Mas, senhor...

MIGUEL - Queres reduzir-me à triste posição de filho do Celeste Império, atacando a horas mortas os galinheiros estranhos?

VICENTE - E por que foi se meter o senhor em camisas de onze varas? É boa!

MIGUEL - Tu não sabes o que é o amor. Sentir no peito as pulsações de um Coração, que se expande em suaves harmonias, ouvir de uns lábios purpurinos palavras de consolo, como notas místicas de um coro de anjos, apertar a mão cetinosa, que se nos confia a medo, sobraçar a cintura que foge... Olha... Como te chamas?

VICENTE - Vicente Maria do Amparo, um seu criado.

MIGUEL - Nunca amaste, Vicente?

VICENTE - Que o diga o meu violão. Nós cá não amamos como os senhores, que dizem às moças *umas bobages* e umas tolices que ninguém entende. Passa-se, pisca-se o olho... Assim, olhe. (*Arremedando.*) De noite reúne-se a troça debaixo da janela da crioula, e o violão começa a gemer.

MIGUEL - Mas que diabo lucras tu com isto?

VICENTE - Não exponho o pêlo a uma sova de pau como lhe ia acontecendo, e a gente se *advert*.

MIGUEL - És engraçado.

VICENTE - Deita-se o cigarro atrás da orelha, afina-se o violão, e a gente canta assim (*Segurando o violão e cantando*):

Trovador, o que tens, o que sofres,  
Por que choras com tanta aflição...

Olhe só este transporte (*Ferindo o violão.*); isto chama-se tom de pestana.

O teu pranto assaz me compunge,  
Trovador, ah! não chores mais, não.

O essencial é que se floreie bem nos bordões e que este pedaço de pau (*Mostrando o violão.*) não trasteje na prima. Eu cá sou músico de orelha, mas...

MIGUEL - E é por isso que flagelas as orelhas de tuas amadas.

VICENTE - Oh! mas conheço isto a palmos. (Indicando o violão.) Lá vai o resto.

Se acaso a mulher que tu amas  
Te tratou com acerbo rigor,  
Trovador, ah! por isto não chores.

MIGUEL - Está bom, basta.

VICENTE - Cantei esta modinha pela primeira vez debaixo da janela do meu primeiro amor. Era uma crioula linda como os amores; chamava-se... chamava-se... (Procurando recordar-se.) Como se chamava ela, Vicente?

MIGUEL - Pois bem; tu já amaste muito, e podes avaliar os apuros em que me vejo.

VICENTE - Chamava-se... Que maldita memória!

MIGUEL - Eu tenho os pés em cima de uma cratera.

VICENTE - Repita, repita esta palavra estrangeira, que o senhor acaba de dizer.

MIGUEL - Cratera!

VICENTE (Batendo na testa.) - É isso mesmo! Maria Joaquina chamava-se a crioula. (Ouve-se o rodar de um carro.) E meu amo, saia, senhor; não me comprometa.

MIGUEL - Nestes trajés? Mas por onde?

VICENTE - Saia por aqui. (Indicando a porta da esquerda.) Por aí não.

MIGUEL - Que noite, meu Deus!

VICENTE - Esconda-se, esconda-se, senhor; não há tempo a perder. Eles sobem já a escada. (Miguel vai sair por uma das portas da direita, que deve estar fechada, esbarra-se nela e esconde-se embaixo da mesa.)

CENA IV

OS MESMOS, EDUARDO COUTINHO e ADELAIDE CARNEIRO

EDUARDO - Apoie-se no meu braço. Não tenha o mais pequeno receio. Estamos sós. (*Para Vicente.*) Passa para dentro. (*Vicente sai.*) Ninguém testemunhará as nossas confidências e aqui, entre as quatro paredes deste aposento, longe dos falsos ouropéis do mundo que se agita lá fora, escreveremos a página mais feliz da nossa vida.

MIGUEL (*À parte.*) - Uma entrevista!

ADELAIDE - Sinto faltarem-se-me as forças, mas como são gratas estas emoções!

MIGUEL (*À parte.*) - Eu conheço esta voz.

ADELAIDE - Afigura-se-me Parisina, indo ao encontro do desditoso amante nessa hora em que o rouxinol, oculto na espessa ramagem, modula as mais sentidas endeixas. Lembra-se desta situação? É logo no primeiro canto do poema. Oh! mas este amor criminoso não há

de levar-me ao sepulcro. Eu terei a força necessária para arrancá-lo do peito.

MIGUEL (*À parte.*) - Esta voz é de minha mulher!

EDUARDO - Oh! não fales na fria lousa que deve encerrar os restos preciosos de tua beleza, diante da vida que nos sorri.

Ah! não fales em sepulcro  
Quando a esp'rança nos sorri.

MIGUEL (*À parte.*) -

Ah! patife de uma figa,  
Quanta gana tenho em ti.

ADELAIDE -

O amor é sentimento  
Que a mulher prende e seduz,  
Somos qual a mariposa  
Que queima as asas na luz.

EDUARDO -

Se o amor é sentimento  
Que a mulher prende e seduz,  
Voemos juntos, voemos  
Em torno da mesma luz.

MIGUEL -

Ó que lábia de patife,  
Que finório sedutor!  
Muito caro hás de pagar-me  
As venturas deste amor.

ADELAIDE - É justamente como disse Byron: - Na vida homem o amor é um episódio; para a mulher é a existência inteira.

MIGUEL (*À parte.*) - Cita Byron! É minha mulher. Estava escrito que aquele livro perigoso me havia de ser fatal.

EDUARDO - E no entretanto, por que te mostras tão esquiva para comigo, fazendo surgir sempre entre nossos corações, que palpitam cheios de vida e de esperança, a imagem severa de teu marido?

MIGUEL (*À parte.*) - Que patife!

ADELAIDE - É porque amo muito meu marido. Quando vi pela primeira vez aquela fronte pálida, aqueles olhos lânguidos e rasgados, exclamei: - Ali está uma alma de poeta! E em minha mente, incendiada pela flama da mais radiante poesia, desenhou-se em toda a majestade o tipo de D. Juan, acordando à luz amortecida das estrelas do céu da Grécia, no regaço perfumado da divina Haidéia.

EDUARDO - Eu serei o teu D. Juan; deixa-me repousar também a fronte em teu regaço.

MIGUEL (*À parte.*) - Que noite, meu Deus!

ADELAIDE - Meu marido também me dizia o mesmo nos dias felizes da lua de mel. Um mês depois de ter-me levado ao altar, ria-se quando eu lhe falava da nossa felicidade, virava-me as costas, quando lhe exprobase o seu comportamento, e o ósculo marital que me dava ao entrar em casa, era dizer-me que o feijão estava muito caro.

MIGUEL (*À parte.*) - E é por causa da carestia do feijão que esta mulher, mesmo nas minhas bochechas... Vou fazer uma estralada.

EDUARDO - Deixa-me abraçar esta cintura delicada. (*Faz menção de abraçá-la.*)

ADELAIDE - Não me toque, senhor. Eu já lhe disse que amo muito meu marido, apesar da indiferença com que sou tratada. Há neste peito, porém, muita sede de poesia e o senhor não é para mim neste momento mais que o ideal de um belo romance, que acabo de ler.

MIGUEL (*À parte.*) - É o *Rafael* de Lamartine. E fui eu quem o comprou! Eu acabo por atacar fogo em todas as livrarias.

EDUARDO - Mas isto não pode ser. É a segunda entrevista que a senhora me concede e eu tenho direitos.

MIGUEL (*À parte.*) - Direitos tenho eu de te meter o cacete.

ADELAIDE - Direitos tão-somente à minha estima e amizade. Se aqui vim, é porque amo o imprevisto e o mistério e estas cenas romanescas falam-me às fibras mais recônditas da alma. Eu queria sentir as emoções de uma entrevista e nada mais.

MIGUEL (*À parte.*) - Que ouço!

EDUARDO - Então a senhora ama deveras seu marido?

ADELAIDE - Amo-o com estremecimento.

EDUARDO - Pois bem; eu o amo igualmente com idolatria. Amemo-lo nós dois.

Eu o amo, tu o amas,  
Ele ama, nós amamos,  
E amando gozaremos  
A ventura que sonhamos.

Conjugando o doce verbo  
Sentimos igual paixão  
Nesse amor de parceria  
Cada qual tem seu quinhão.

MIGUEL (*À parte.*) - É demais. Vou arrebentar a cara deste patife.

CENA V

EDUARDO, MIGUEL, ADELAIDE e VICENTE

VICENTE - A ceia está na mesa.

EDUARDO - Passemos à sala imediata. Lá ergueremos um brinde a esse amor casto e puro, que eu e a senhora consagramos a seu marido.

MIGUEL (*À parte.*) - E eu hei de dar os *urras!* Tratante. (*Saem todos menos Miguel.*)

#### CENA VI

MIGUEL, *só.*

MIGUEL (*Saindo debaixo da mesa.*) - E esta! Escapo de Cila e venho cair em Caribides. Mas agora, não há mais considerações que me obriguem a guardar conveniências. Este tratante há de pagar-me. Minha mulher julga-me no clube, jogando o voltarete, e enquanto eu namoro a mulher do próximo, ela procura idéias fora de casa. É bem feito, seu Miguel Carneiro. Mas, em suma, quem é este homem que eu não conheço? Eu tenho o direito de saber o seu nome; porque no fim de contas minha mulher tem por ele uma paixão... platônica. Oh! este platonismo alivia-me de um peso... É demais! Quero saber tudo. (*Avança para a porta e é detido por Vicente.*)

#### CENA VII

O MESMO e VICENTE

VICENTE - O senhor ainda está aqui!!

MIGUEL - Quem é esse homem que daqui saiu?

VICENTE - Vá-se embora, senhor; não me faça perder a paciência. Suma-se, suma-se.

MIGUEL - Eu quero saber o nome desse homem, e daqui não sairei, enquanto não arrancar do seu poder aquela mulher.

VICENTE - Mau, mau, o senhor está me fazendo perder as estribeiras. Não me obrigue a lançar mão da *grafia*. (*Faz partes de capoeira.*)

MIGUEL - Estou disposto a arrostar um escândalo.

VICENTE - Olhe que eu lhe mostro para quanto presta este mulatinho. Se duvida muito, passo-lhe as *boças* enquanto o diabo esfrega um olho. Vá-se embora, moço, vá-se embora. Que moço de maçada!

CENA VIII

OS MESMOS e EMÍLIA COUTINHO

EMÍLIA (*Entrando às pressas.*) - Felizmente encontro-o são e salvo!

MIGUEL - Senhora! O que veio aqui fazer?!

VICENTE (*À parte.*) - Por esta casa anda hoje o diabo.

EMÍLIA - Que susto, meu Deus! Repare como estou tremendo. Quando o vi perseguido pela polícia, como um ladrão, não pude conter-me: saí também para a rua, afrontando as conseqüências deste passo irrefletido e, depois de muito indagar, soube que tinha entrado aqui. Estou comprometida até a raiz dos cabelos, apesar da inocência dos nossos amores e agora não sei como sair deste apuro.

MIGUEL - Fuja quanto antes, minha senhora; a sua presença nesta casa é a minha perdição.

VICENTE (*À parte.*) - Isto acaba numa grande água suja. Eu vou para dentro e cá não venho mais, haja o que houver. (*Sai.*)

EMÍLIA - Meu marido já está talvez em casa. Que fizeste Emília!

MIGUEL - Que noite, que noite, meu Deus!

EMÍLIA (*Chorando.*) - O senhor foi o culpado.

MIGUEL - Não grite, senhora.

EMÍLIA (*Chorando.*) - Eu amava muito meu marido. Por que veio desinquietar-me? Estou perdida por causa de um namoro de passatempo e amanhã serei apontada por toda a cidade como uma réproba.

MIGUEL - Não grite, senhora, que eles estão ali.

EMÍLIA - Não poder aparecer mais diante de meus filhos. Que fizeste, Emília?

MIGUEL - Mas com os diabos, quem lhe mandou vir aqui a estas horas? Queixe-se de sua leviandade. Aí vêm eles: esconda-se. *(Depois de correrem atrapalhados pela cena, escondem-se afinal os dois ao lado da mesa.)*

CENA IX

EMÍLIA, MIGUEL, EDUARDO e VICENTE

EDUARDO *(A Vicente.)* - Vai depressa buscar um carro.

EMÍLIA *(À parte.)* - É a voz de meu marido; segure-me que estou desmaiando. *(Cai nos braços de Miguel.)*

MIGUEL *(À parte.)* - Seu marido!

VICENTE - Ó Nhonhô, aquela mocinha parece-me meia gira. Eu creio que ela sofre do fígado. *(Apontando para a cabeça; sai.)*

EDUARDO - Decididamente não é uma mulher; é um romance vivo. Sou para ela D. Juan, Gilbert, Dartagnan, tudo que tem saído da cabeça dos poetas, menos o que sou. Já não posso aturá-la.

MIGUEL *(À parte.)* - Que noite, meu Deus!

EDUARDO - Enquanto ela lê versos, reclinada nos coxins do divã, vou respirar um pouco de ar à janela. *(Sai.)*

CENA X

EMÍLIA e MIGUEL

MIGUEL - Ó senhora, olhe que a ocasião não é própria para faniquitos. Acabe com isto.

EMÍLIA - Ele já partiu?

MIGUEL - Ele quem?

EMÍLIA - Meu marido; eu ouvi a sua voz. Estou comprometida para sempre, e no entanto o senhor bem sabe que ainda não me esqueci dos meus deveres.

MIGUEL - Infelizmente sei; mas descanse que a senhora está salva e eu também.

EMÍLIA - Salva?! O senhor não o conhece; é ciumento como um Otelo e será capaz de estrangular-me aqui mesmo com este pano de mesa.

MIGUEL - Eu aposto a minha cabeça como ele não lhe dirá a mais pequena palavra. Escute; eu vou ajoelhar-me a seus pés, segurar-lhe na cetinosa mão. (*Ajoelha-se e segura-lhe na mão.*) E a senhora gritará, fingindo que forceja por sair dos meus braços.

EMÍLIA - Deixe-me, senhor; deixe-me, ele pode chegar e a minha vida corre perigo.

MIGUEL - Bravo, bravo, muito bem; é isto mesmo o que eu quero.

EMÍLIA - Não abuse da minha situação e considere que sou uma mãe de família.

MIGUEL - Eu te amo, te idolatro, és a estrela polar do meu firmamento. Ande, grite mais.

EMÍLIA - Senhor.

CENA XI

OS MESMOS e ADELAIDE

ADELAIDE (*À parte.*) - O que vejo? De joelhos aos pés de outra mulher, e já em mangas de camisa! (*Alto.*) Senhor, o seu comportamento é inqualificável! (*Emília grita. Miguel levanta-se e volta-se.*) Meu marido! (*Desmaia.*)

EMÍLIA - Não me explicará o que significa tudo isto, senhor? MIGUEL - Oculte-se aqui; não devemos perder um só minuto.

Vai saber em breve a decifração de tudo. (*Leva-a para uma das portas da direita e fecha a porta; para Adelaide.*) Levante-se, minha senhora, os desmaios estão já muito explorados pelos romances modernos.

ADELAIDE (*Ajoelhando-se.*) - Perdão, Miguel.

MIGUEL - Esta posição é ridícula demais para uma heroína.

ADELAIDE (*Erguendo-se com altivez.*) - Tens razão; eu não sou tão criminosa como te parece, e assiste-me, por conseguinte, O direito de perguntar-te o que fazias nesta sala com aquela mulher.

MIGUEL - E o mesmo direito que me assiste. O que veio a senhora fazer nesta casa?

ADELAIDE - Miguel, eu te juro pela minha vida que estou inocente.

MIGUEL - Quem é esse homem que aqui mora?

CENA XII

EDUARDO, MIGUEL e ADELAIDE

EDUARDO - Que *faz* o senhor aqui?

MIGUEL - Não tenho que dar-lhe satisfações.

EDUARDO (*Para Adelaide.*) - Quem é este homem?

ADELAIDE (*À parte.*) - Estou perdida.

MIGUEL (*Sentando-se no sofá.*) - Minha senhora, tenha a bondade de dizer aqui ao senhor quem eu sou. (*Pausa.*) Já que é tão curioso, vou satisfazê-lo. Chamo-me Miguel Carneiro, e apesar de estar intimamente convencido de que o senhor não passa de um ideal para esta mulher romanesca, da qual sou marido, eu ainda

assim o desafiaria para um duelo, como fazem os homens de brio, se não aprovesse à fatalidade trazer-me a esta casa, como que expressamente para dizer-lhe - que nada devemos um ao outro.

EDUARDO - Senhor Miguel Carneiro, creia que...

MIGUEL - Sei tudo. O senhor amou minha mulher.

EDUARDO - Mas...

MIGUEL - Puro platonismo; estou disto intimamente convencido. Ora, na minha qualidade de marido, devo ser grato aos obséquios que fazem à minha mulher.

ADELAIDE (*À parte.*) - O que quererá ele fazer, meu Deus!

MIGUEL - Eu gosto de pagar os benefícios à boca do cofre.

ADELAIDE (*Ajoelhando-se entre os dois.*) - Se sinistras são as tuas intenções, oh! Miguel, antes de consumá-las, terás de passar por cima do meu cadáver.

MIGUEL - Tranqüilize-se, senhora; eu não lhe darei o gosto de mais uma emoção romanesca. (*Adelaide levanta-se; para Eduardo.*) Devo-lhe em matéria de amor uma reparação; vou satisfazer-lhe já a minha dívida. (*Indo à porta onde se acha Emília.*) Pode sair, minha senhora. (*Emília sai.*)

CENA XIII

OS MESMOS e EMÍLIA

EDUARDO - EMÍLIA!!!

EMÍLIA - Não me condenes. Sobre tua cabeça pesa um crime talvez, eu apenas cometi uma leviandade.

MIGUEL - Fique descansada; sobre nossas cabeças não pesa absolutamente coisa alguma. Pode abraçar sua mulher, eu abraçarei a minha.

EDUARDO - E por que artes veio o senhor ter a esta casa?

MIGUEL - Enquanto o senhor fazia a corte à minha metade, eu constipava-me no seu galinheiro à espera da sua. Mas já lhe disse que pode ficar tranqüilo; o divino Platão velava por nós. Sua mulher explicar-lhe-á o que aqui me trouxe.

EDUARDO (*Abraçando Emília.*) - Emília!

ADELAIDE (*Abraçando Miguel.*) - Miguel!

MIGUEL (*Para Eduardo.*) - Amor com amor se paga. Já vê que nada devemos um ao outro; dou-lhe o troco na mesma moeda.

CENA XIV

EDUARDO, ADELAIDE, EMÍLIA, MIGUEL e VICENTE

VICENTE - O carro está aí. (*À parte.*) Olé!

MIGUEL - Há de permitir-me que o aproveite. Não posso ir a pé para a casa nestes trajes.

EDUARDO - Com muito prazer.

MIGUEL (*Despedindo-se.*) - É verdade, a sua graça?

EDUARDO - Eduardo Coutinho, seu humilde criado.

MIGUEL - Pois, Senhor Eduardo, lá estou às suas ordens. Creio que já sabe onde moro.

EDUARDO - Da mesma forma. Para que não tenha mais o incômodo de entrar pelo quintal, a porta da minha casa dá para a Rua da Ajuda.

VICENTE (*À parte.*) - Os diabos me carreguem, se compreendo esta embrulhada.

TODOS (*Menos Vicente.*) -

Ó Platão, bendito sejas,  
Foste o nosso protetor;  
Viva a bela teoria  
Do teu casto e puro amor.

É sublime, edificante,  
A lição que tu nos dás,  
Onde plantas teu domínio,  
Reina a ordem, impera a paz.

*Cai o pano.*

## SOBRE O AIUTOR E SUA OBRA



**França Júnior** (Joaquim José da F. J.), jornalista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de março de 1838, e faleceu em Poços de Caldas, MG, em 27 de setembro de 1890. É o patrono da Cadeira n. 12, por escolha do fundador Urbano Duarte.

Filho de Joaquim José da França e de Mariana Inácia Vitovi Garção da França. Bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II e em Direito pela Faculdade de São Paulo (1862), começou a carreira de dramaturgo em 1861 com duas "comédias de costumes acadêmicos", A república modelo e Meia hora de cinismo, sobre as relações entre um calouro e um grupo de estudantes veteranos. Revelou-se um continuador de Martins Pena. Em 1862, estreou no Ginásio Dramático (RJ) Tipos da atualidade, comédia mais conhecida como O barão de Cutia, graças à extrema popularidade do personagem do mesmo nome, um fazendeiro rico que uma viúva interesseira deseja ardentemente ter por genro. Dando à peça o título "Tipos da atualidade", o comediógrafo faz da mediocridade e do interesse as molas-mestras das relações interpessoais na sociedade fluminense de então. Utilizando-se de enredos aparentemente anedóticos, França Júnior fez de suas comédias pequenas caricaturas de aspectos variados do cotidiano e da família fluminense. Outro alvo de suas comédias é o "estrangeiro", sobretudo o "inglês", e os privilégios que obtém do governo brasileiro, como em O tipo brasileiro e Caiu o ministério, comédias representadas em 1882.

Importante como painel crítico do Rio de Janeiro no fim do século, a obra de França Júnior reforça a tradição cômica do teatro brasileiro e se caracteriza pela agilidade das falas curtas, das peças em um ato, com

linguagem coloquial, jogo cênico rápido, ambigüidades e grande noção de ritmo teatral.

Além de comediógrafo, França Júnior foi promotor público e curador da Vara de Órfãos no Rio de Janeiro, secretário do Governo da Província da Bahia e, como jornalista, autor de folhetins bastante populares à época, publicados em *O País*, *O Globo Ilustrado* e *Correio Mercantil* (reunidos em *Folhetins*, em 1878, com prefácio e coordenação de Alfredo Mariano de Oliveira).

Escreveu cerca de duas dezenas de comédias e peças teatrais. Além das já mencionadas, destacam-se: *Amor com amor se paga* (1870); *Direito por linhas tortas* (1870); *O tipo brasileiro* (1872); *Como se fazia um deputado* (1882); *Caiu o ministério* (1883); *Entrei para o Clube Jácome* (1887); *Os candidatos e As doutoras* (1889). Foram reunidas em *O teatro de França Júnior*, 2 vols. (1980).